



**ALFREDO  
DA SILVA** O FUTURO  
COMO TRADIÇÃO

150  
anos

# Sustentabilidade dos Olivais em Portugal

## Desafios e respostas

AGRO.GES



PRINCIPIA

Existe uma versão impressa da presente obra, disponível nas lojas físicas e digitais, e em [www.principia.pt](http://www.principia.pt).



# **SUSTENTABILIDADE DOS OLIVAIS EM PORTUGAL**

**Desafios e respostas**

**Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor; reprodução proibida.**

Sem o prévio consentimento escrito do editor, são totalmente proibidas a reprodução e a transmissão desta obra (total ou parcialmente) por todos e quaisquer meios (eletrónicos ou mecânicos, transmissão de dados, gravação ou fotocópia), quaisquer que sejam os destinatários ou autores (pessoas singulares ou coletivas), os motivos e os objetivos (incluindo escolares, científicos, académicos ou culturais), à exceção de excertos para divulgação e da citação científica, sendo igualmente interdito o arquivamento em qualquer sistema ou banco de dados.



#### **Título**

*Sustentabilidade dos Olivais em Portugal – Desafios e respostas*

#### **Autoria**

AGRO.GES – Sociedade de Estudos e Projetos, Lda.

Textos elaborados por Francisco Campello

#### **Edição e *copyright***

Principia, Cascais

1.ª edição – julho de 2022

© Principia Editora, Lda.

#### **Créditos fotográficos**

AGRO.GES (Francisco Campello), Arquivo Fundação Amélia de Mello, Arquivo Nutrifarms.

**Design da capa** Brand Practice

**Execução gráfica** Artipol • **Depósito legal** 502111/22

---

#### **Principia**

Rua Vasco da Gama, 60-B – 2775-297 Parede – Portugal

+351 214 678 710 • [principia@principia.pt](mailto:principia@principia.pt) • [www.principia.pt](http://www.principia.pt)

[facebook.com/principia.pt](https://facebook.com/principia.pt) • [instagram.com/principiaeditora](https://instagram.com/principiaeditora) • [linkedin.com/company/principiaeditora](https://linkedin.com/company/principiaeditora)

AGRO.GES – Sociedade de Estudos e Projetos, Lda.

# **SUSTENTABILIDADE DOS OLIVAIS EM PORTUGAL**

## **Desafios e respostas**



# APRESENTAÇÃO

---

Ao longo dos anos de 2020 e 2021, a Fundação Amélia de Mello promoveu, em conjunto com as universidades portuguesas, um vasto plano de comemorações a propósito dos 150 anos do nascimento de Alfredo da Silva que, numa parte relevante, se desdobrava na realização de conferências temáticas e no apoio à concretização de estudos e investigações sobre temas que, podendo partir de factos ocorridos no passado, procurassem estudar questões para o futuro.

A nossa visão assenta no propósito não só de contribuir para pensar o presente de todos nós, mas sobretudo de apontar para caminhos do futuro comum que temos de enfrentar, assumindo as dificuldades próprias que decorrem da necessidade de mudar e de evoluir, o que se reforça devido às circunstâncias que vivemos num mundo multipolar, em que a informação circula a uma velocidade estonteante, mas que não pode colocar em causa a necessidade de pensar sobre o que somos e com que podemos contribuir de forma consciente e responsável, procurando o desenvolvimento do País.

Os propósitos do contributo para uma nação melhor pressupõem servir e olhar para os consumidores, criar produtos inovadores que cumpram as suas melhores expectativas, de modo sustentável e visando o desenvolvimento global da sociedade.

Um dos temas que mereceu destaque no referido plano das comemorações foi o do setor dos azeites, porque, quando o estudamos e analisamos, percebe-

mos que estamos perante um setor fundamental para a economia portuguesa, com múltiplos impactos em variados aspetos, como sejam o contributo para a independência da nossa balança comercial, a autossuficiência no abastecimento de um produto essencial na alimentação dos portugueses e o impacto positivo na qualidade de vida das pessoas, associado a temas como a saúde e os hábitos alimentares saudáveis.

Quase um século depois de o Grupo CUF ter entrado na atividade ligada aos azeites, em Alferrarede-Abrantes, no ano de 1906, no que era à época a maior instalação do País em resposta aos requisitos necessários a uma exploração económica situada no centro de uma grande região oleícola, assistimos a uma transformação muito importante da fileira do azeite em múltiplos aspetos, como a produtividade do olival, ou a concretização de novas plantações em olivais modernos e tecnologicamente bem pensados e apetrechados.

A revolução na área dos azeites que está presentemente visível, até com um forte incremento de plantações de variadas culturas no Alentejo, dá um contributo muito relevante para a economia nacional, em especial no setor oleícola, o que, reconheça-se, só foi possível graças ao Alqueva e ao perímetro de rega que essa barragem permite concretizar.

No sentido de analisar e debater, com bases técnicas rigorosas, aquilo que faça sentido, seja numa perspetiva económica, seja numa perspetiva da sustentabilidade global, desafiámos a AGRO.GES a realizar um estudo sobre o tema da sustentabilidade dos olivais em Portugal, os seus desafios e respostas.

Pressupomos que a sustentabilidade assenta numa lógica de perpetuidade e de renovação do meio em que nos encontramos, pois sem ela nada será viável ou responsabilmente concretizável por quem tem a ambição natural de continuar a transmitir os valores do compromisso, da resiliência e da aposta no desenvolvimento do País.

# PREFÁCIO

---

*Eduardo Diniz*

O olival e a produção de azeite em Portugal encontram-se, nos tempos atuais, num dos momentos mais promissores para uma sustentabilidade duradoura.

Este estudo – *Sustentabilidade dos Olivais em Portugal – Desafios e Respostas* – permite, com uma análise muito abrangente de todos os aspetos ligados à olivicultura e à produção de azeite, fundamentar a oportunidade ímpar que o setor vive no panorama da agricultura nacional. Apresenta os dados mais relevantes de um setor em crescimento, em termos de área, produção, comércio internacional, com comparações entre Portugal e os principais produtores mundiais. O estudo é naturalmente também exaustivo na análise que faz dos diferentes sistemas de produção e da relação com os recursos naturais (solo, água e biodiversidade), apontando de forma assertiva os pontos fracos e fortes e as melhores práticas e os respetivos riscos.

Atente-se que a história milenar da cultura da oliveira no território nacional e do seu aproveitamento agrícola, industrial e alimentar não foi uma história linear, tendo experimentado, ao longo do tempo, usos e práticas muito diferenciados. Registaram-se períodos de expansão e retração de áreas e volumes de produção. O desenvolvimento acelerado que o setor do olival teve nos últimos anos encerra

questões legítimas sobre a sustentabilidade quer dos seus agentes económicos, quer dos territórios onde se desenvolve.

Segundo a ONU, *para que o desenvolvimento sustentável seja alcançado, é crucial harmonizar três elementos centrais: crescimento económico, inclusão social e proteção ambiental. Estes elementos estão interligados e todos são cruciais para o bem-estar dos indivíduos e das sociedades.*

Em que medida estes três pilares da sustentabilidade se refletem de forma equilibrada no olival nacional?

### **Crescimento económico**

Durante anos a viabilidade económica do olival e do azeite foi colocada em causa – ou pela fraca qualidade e o uso múltiplo (industrial e iluminação), ou devido ao peso da mão-de-obra, particularmente agravada pelo êxodo rural dos anos 60 do século passado, ou ainda pela sua substituição pelo consumidor a favor de alternativas de óleos alimentares mais baratos.

Alguns fatores contrariaram essas tendências que pareciam inexoráveis. Da parte do consumo, as qualidades de alimento saudável atribuídas ao azeite pela Organização Mundial de Saúde levaram a uma expansão do consumo que ainda hoje se mantém. Da parte da escassez de mão-de-obra, a modernização/mecanização dos olivais, com a introdução de novos sistemas de produção e o apoio público à viabilidade de sistemas tradicionais, foi uma forma proativa de adaptação aos volumes de mão-de-obra disponíveis.

Um aspeto recorrentemente assinalado como dos mais frágeis da agricultura portuguesa, no contexto da concorrência de uma economia aberta, é a reduzida produtividade dos fatores terra, trabalho e capital. A história recente da transformação económica que se operou no setor do olival contrariou esta tendência geral. O acesso à água, o investimento na qualidade e na tecnologia com fundos públicos e privados, incluindo investimento estrangeiro, permitiram quase inesperadamente criar com sucesso um setor produtivo que contribui para o crescimento e a sustentabilidade económica.

### **Inclusão social**

A disponibilização, em quantidade e qualidade, de uma gordura vegetal com características qualificadas como boas do ponto de vista da nutrição e da saúde

constitui, por parte dos produtores de azeite, um ganho social e de serviço ao consumidor no seio da indústria agroalimentar.

De facto, se o consumo mundial de azeite ainda é relativamente reduzido quando comparado com o de outros óleos vegetais, as suas qualidades organolépticas e os benefícios que tem para a saúde favorecem a tendência de crescimento. Estes benefícios, já amplamente reconhecidos no âmbito da dieta mediterrânica, são agora apoiados por um conhecimento mais vasto, sustentado pela Organização Mundial de Saúde na promoção que faz de dietas mais saudáveis, e por especialistas em saúde como a associação norte-americana de cardiologia<sup>1</sup>.

Nas regiões produtoras, do ponto de vista do envolvimento com as comunidades a realidade é necessariamente diferente face ao passado. A perspetiva de uma olivicultura tradicional baseada numa forte intensidade do trabalho é um saudosismo romântico que não se repetirá. Às novas formas de produzir correspondem hoje novas formas de trabalho que recorrem a mão-de-obra menos intensiva, mas mais qualificada e mais bem remunerada.

Não quer isto dizer que não se possa fazer mais quanto ao envolvimento das comunidades que vivem nos territórios onde se localiza a produção, para que aí possam ser sentidos os benefícios dessa criação de riqueza.

### **Proteção ambiental**

A oliveira é uma árvore com grande capacidade de adaptação e rusticidade que está presente essencialmente na faixa mediterrânica. A possibilidade de criação de uma fileira produtiva a partir de uma planta *endógena* é uma mais-valia no quadro da adaptação ambiental.

O aproveitamento agrícola desta cultura tem impactos tendencialmente moderados (e diferenciados) na utilização dos recursos naturais. Por ser uma cultura permanente, gera menores necessidades de mobilização do solo. As dotações de rega, mesmo nos sistemas em sebe, são inferiores às da maioria das culturas alternativas de regadio. No caso da biodiversidade, os sistemas com menores compassos têm um impacto menor do que os realizados em sebe, os quais ainda assim podem implementar práticas de biodiversidade funcional. Refira-se ainda o potencial que o olival tem na mitigação e na adaptação às alterações climáticas.

---

<sup>1</sup> Por exemplo, o recente estudo do American College of Cardiology *Higher Olive Oil Intake May Be Associated With Lower Risk of CVD Mortality*, 10 de janeiro de 2022.

Existem riscos associados à fertilização e à aplicação de fitofármacos que, para a sua redução, têm a vantagem de ser empregues por uma agricultura de maiores eficiência e precisão.

O estudo enumera um conjunto vasto de práticas agrícolas promotoras ou protetoras dos recursos naturais que devem ser incorporadas num quadro de responsabilidade social e ambiental pelos empresários e alvo também de políticas públicas de regulação e apoio.

Sobre este aspeto, é importante sublinhar a importância de olhar para o olival, e para os seus sistemas de produção, como um conjunto que ganha pelas suas diversidade (tradicional, vaso e sebe), coexistência e interfuncionalidade e que conta ainda com a inclusão de outras opções produtivas de culturas alternativas e a preservação de áreas de proteção ambiental.

Do ponto de vista económico, é inegável o crescimento da produção e das exportações e são boas as perspetivas de aumento do consumo em geografias menos habituais. Os dados apontam para a continuação do crescimento, a um ritmo um pouco menos acelerado, e para a expansão da produção noutras zonas do globo, embora os países da bacia mediterrânica mantenham a liderança.

Às novas formas de produzir correspondem hoje novas formas de trabalho que recorrem a mão-de-obra menos intensiva, mas mais qualificada e mais bem remunerada, e uma utilização mais racional de recursos como solo, água, fertilizantes ou fitofármacos.



Fontes: à esquerda: Artur Pastor, Santarém, 1953, acervo do GPP; à direita: Autor, Herdade Marmelo, Ferreira do Alentejo, 2015.



Esta nova abordagem produtiva não só responde a uma racionalidade económica de necessidade de poupança de todos os recursos com simultâneo aumento da produtividade, mas envolve também maiores regulação pública e autorregulação, em resposta a exigências ambientais e sociais dos consumidores.

Os sistemas tradicionais correspondem muitas vezes a um saber acumulado, resultante de uma imensidade de erros absorvidos e filtrados. Hoje, há mais conhecimento, mais monitorização e menos desculpa para os erros. Não se consegue uma intensificação sustentável que permita alimentar a população com os recursos que temos e sem impactos irreversíveis no ambiente com intransigência ou soluções mágicas, mas sim com equilíbrio e com uma maior aplicação do conhecimento.



Fontes: à esquerda, Artur Pastor, Santarém, 1953, acervo do GPP; à direita: Autor, Ferreira do Alentejo, 2015.





# INTRODUÇÃO

---

No âmbito da comemoração dos 150 anos do nascimento de Alfredo da Silva, a AGRO.GES foi desafiada pela Fundação Amélia de Mello a elaborar a presente publicação subordinada ao tema da sustentabilidade dos olivais em Portugal.

O setor do azeite tem vindo a assumir, nas últimas décadas, uma importância económica crescente, tanto no contexto internacional como no nacional. Em termos mundiais, Portugal é atualmente o quarto maior país exportador, o sétimo maior país produtor de azeite (o quarto maior produtor na União Europeia) e o nono país em termos de área total de olival. A nível nacional, o valor de produção da olivicultura já representa cerca de 9% do valor total da produção agrícola do nosso país, em resultado dos fortes crescimentos verificados na produção de azeitona e de azeite, que permitiram que o setor passasse a contribuir positivamente para a balança comercial nacional (atualmente, o saldo positivo é superior a 250 milhões de euros), e a garantir a autossuficiência do abastecimento de azeite, um produto da maior importância na mesa dos portugueses (Portugal é o quarto país com maiores consumos *per capita* do mundo).

Para este aumento da importância económica do setor do azeite contribuíram muito os fortes investimentos de modernização realizados, tanto ao nível da instalação dos novos **olivais modernos de regadio**, como ao nível da modernização dos

lagares de azeite nacionais, com o incremento da sua capacidade de laboração de azeitona e a melhoria da qualidade dos azeites produzidos. Refira-se, neste âmbito, o importante papel do Grupo ELAIA (atualmente designado de NUTRIFARMS), participado pela NUTRINVESTE, que, desde 2007, plantou e adquiriu mais de 12 000 ha de olivais modernos de regadio no Alentejo, e construiu o Lagar do Marmelo, um dos maiores lagares da Europa, distinguido em várias ocasiões como o melhor lagar do mundo.

Em resultado do forte crescimento nas áreas nacionais de olival moderno de regadio, que se verificou de forma mais assinalável na região abrangida pelo perímetro de rega de Alqueva, tem surgido alguma discussão pública sobre a sustentabilidade ambiental destes sistemas modernos de condução do olival, nomeadamente quando comparados com as culturas tradicionalmente praticadas na região (cerealicultura de sequeiro e olival tradicional).

Neste contexto, a presente publicação efetua uma análise baseada na informação técnica e nas estatísticas disponíveis sobre o olival moderno, de forma a procurar identificar os verdadeiros impactos que a cultura tem nas diferentes dimensões da sustentabilidade (económica, ambiental e social).

Esperamos que esta análise permita que o leitor tome conhecimento das importantes dinâmicas de desenvolvimento da olivicultura nacional e da sua elevada sustentabilidade.

1

---

## A OLIVICULTURA NO MUNDO



Pensa-se que a oliveira tenha a sua origem na Ásia Menor, tendo começado a ser cultivada no Irão, na Síria e na Palestina vários milénios antes de Cristo (a.C.), pelo que é uma das mais antigas árvores cultivadas no mundo. Posteriormente, no século XVI a.C., iniciou-se a difusão da cultura por toda a região mediterrânica, primeiramente por influência dos Fenícios, depois pelos primeiros Gregos e finalmente pelos Romanos, que, à medida que conquistavam novos territórios, foram levando consigo a olivicultura.

Apenas no século XV (d.C.), com a descoberta da América por Cristóvão Colombo, é que a cultura da oliveira se começou a espalhar para fora da região mediterrânica, inicialmente nos países desse continente (México, Peru, Califórnia, Chile e Argentina) e, mais recentemente, noutros países do mundo, como a África do Sul, a Austrália, o Japão ou a China.

No entanto, apesar dessa expansão da olivicultura para outras regiões do mundo, a região da Bacia Mediterrânica<sup>1</sup> ainda concentra atualmente cerca de 93% da área mundial de olival, 88% da produção de azeitona e 91% da produção mundial de azeite.

## **1.1. Superfície mundial**

De acordo com os dados mais recentes publicados pela FAO, a área mundial de olival que se encontra em exploração, isto é, que é objeto de colheita, tem vindo

---

<sup>1</sup> A região mediterrânica é constituída pelos seguintes países: Portugal, Espanha, França, Mónaco, Itália, Eslovénia, Croácia, Bósnia Herzegovina, Montenegro, Albânia, Grécia, Turquia, Síria, Líbano, Israel, Egito, Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos e as ilhas de Chipre e Malta.

Existe uma versão impressa da presente obra, disponível nas lojas físicas e digitais, e em [www.principia.pt](http://www.principia.pt).

No âmbito da comemoração dos 150 anos do nascimento de Alfredo da Silva, a AGRO.GES foi desafiada pela Fundação Amélia de Mello a elaborar a presente publicação subordinada ao tema da sustentabilidade dos olivais em Portugal.

A análise que nela se faz baseou-se na informação técnica e nas estatísticas disponíveis sobre o olival moderno, de forma a procurar identificar os verdadeiros impactos que a cultura tem nas dimensões económica, ambiental e social da sustentabilidade no nosso país, que é neste momento, no mundo, o sétimo maior país produtor de azeite (o quarto maior na União Europeia), o quarto maior país exportador de azeite, e o nono país em termos de área total de olival.



[www.principia.pt](http://www.principia.pt)

ISBN 978-989-716-290-9



9 789897 162909